



**REBENA**  
**Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**

ISSN 2764-1368

Volume 10, 2025, p. 155 - 164

<https://rebenamnuvens.com.br/revista/index>

**Dificuldades de Aprendizagem e a Atuação do Psicólogo Escolar:  
Limites e Possibilidades**

Learning Difficulties and the Role of the School Psychologist: Limits and Possibilities

**Nilson de Matos Silva<sup>1</sup> Jair Pedro da Fé Neto<sup>2</sup> Juliana Angélica Evangelista de Carvalho<sup>3</sup>**

Submetido: 11/11/2024 Aprovado: 05/02/2025 Publicação: 27/02/2025

**RESUMO**

Este artigo, advindo de uma pesquisa bibliográfica, tem por objetivo apontar os limites e possibilidades de atuação do psicólogo escolar, quando na atuação do campo das teorias da psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem. Diversos estudiosos consideravam que a teoria das faculdades mentais postulava sobre ser a mente humana dotada de faculdades inatas, a exemplo, de atenção, percepção e memória, das quais deveriam ser treinadas pelo exercício e, conseqüentemente, por processos repetitivos. Dentro desse cenário, surgiu a seguinte indagação: De que maneiras o Psicólogo Escolar pode atuar para identificar e minimizar as dificuldades de aprendizagem dentro do seu espectro profissional? A atribuição à escola foi um papel de grande importância no que concerne à seleção das experiências consideradas como benéficas que a humanidade realizava, com a finalidade de construção dos conteúdos cognitivos necessários, voltados para uma sociedade futura da qual se pretende que seja mais perfeita, uma sociedade democrática. Na busca da harmonização do ambiente social, com vistas a possibilitar o desenvolvimento do pensamento reflexivo. A investigação identificou que o profissional agrega valores pessoais, familiares e à escola. Estabelece a influência destes em contribuir com os procedimentos educacionais, resultando no atendimento das necessidades individuais e garantia da integridade do ser.

**Palavras-chave:** Ambiente escolar. Aluno. Dificuldade de Aprendizagem. Psicologia Escolar.

**ABSTRACT**

This article, stemming from a bibliographic research, aims to highlight the limits and possibilities of the school psychologist's role within the fields of developmental psychology and learning theories. Various scholars considered that the theory of mental faculties proposed that the human mind is endowed with innate faculties, such as attention, perception, and memory, which should be trained through exercise and, consequently, by repetitive processes. Within this context, the following question arose: In what ways can the school psychologist act to identify and minimize learning difficulties within their professional scope? The school's role has been of great importance in terms of selecting experiences deemed beneficial for humanity, with the aim of constructing the necessary cognitive content, focused on a future society that is envisioned to be more perfect—a democratic society. In the pursuit of harmonizing the social environment to enable the development of reflective thinking. The investigation identified that the professional adds personal, family, and school values, establishing their influence in contributing to educational procedures, resulting in meeting individual needs and ensuring the integrity of the individual.

**Keywords:** School environment. Student. Learning difficulties. School psychology.

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais pela Faculdade Interamericana de Ciências Sociais – FICS. [nilson.ufop@gmail.com](mailto:nilson.ufop@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Educação Matemática pela Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP. [jair.neto@uemg.br](mailto:jair.neto@uemg.br)

<sup>3</sup> Doutora em Engenharia Metalúrgica, Materiais e de Minas. [juliana.carvalho@uemg.br](mailto:juliana.carvalho@uemg.br)

## 1. Introdução

No campo da Psicologia observa-se a existência de uma constante marca diferenciada no modo de compreender e buscar soluções para os problemas educacionais do meio moderno. No cenário brasileiro, por exemplo, a relação foi estreitada a partir das primeiras décadas do século XX, ainda nos anos 1920 e 1930, momento esse em que a sociedade brasileira se via às voltas com as exigências da modernidade advindas do mundo capitalista.

Nesse cenário, buscando conhecer melhor o ser humano, a partir do emprego de técnicas consideradas como inovadoras foi atribuído à Psicologia o papel de disciplina coadjuvante com a premissa de construir um novo homem, mais especificamente nas questões relacionadas com a contribuição trazida ao ensino no que tange os aspectos metodológicos, isto é, como ensinar.

E, não diferente, para o estudo do desenvolvimento infantil, no início do século XX, esse foi considerado senão o principal, mas um dos prioritários eixos da discussão de diversos autores que buscaram se dedicar à Psicologia e à Educação, ficando esse movimento comumente conhecido como o “século da criança”.

Diversas outras descobertas, a exemplo, dos campos da Fisiologia, da Biologia e das ciências experimentais influenciaram diretamente sobre a ciência psicológica, pois de acordo com estudos feitos por Cunha (1994), em relação às descobertas da Fisiologia houve grande relevância no que tange às atividades cerebrais, focando nas intermediações das interações existentes entre o organismo e os estímulos ambientais. No campo da Biologia, a partir das ideias evolucionistas houve um maior destaque para o papel da adaptação do organismo ao meio no processo de evolução das espécies. Quanto à influência das ciências experimentais sobre a teoria do acontecimento o pressuposto foi de atuação a partir da internalização do conceito de inteligência, que é considerada como capacidade adaptativa e operante do organismo sobre o meio, possibilitando que ganhasse força e importância sobre o conceito de espírito.

Obviamente, com tanta relevância dada à psicologia, esta passou a dar maior ênfase às questões próprias do pensamento, pautadas na veracidade e na objetividade, em alusão ao campo da teoria do conhecimento, considerando, sobretudo, o estudo da inteligência pela Psicologia e, conseqüentemente, a aprendizagem.

O assunto em torno da dificuldade de aprendizagem é parte da vivência diária dos educadores, na sua práxis, em sala de aula, despertando a atenção para a existência de crianças que frequentam a escola e apresentam problemas de aprendizagem. Estudos mostram que por vários anos, tais crianças foram ignoradas, mal diagnosticadas e maltratadas. Todavia, é frustrante para a maior parte dos educadores quando se trata das questões em torno da dificuldade de aprendizagem, tendo

em vista que estes, na grande maioria das vezes, não encontram solução para esse problema, porque não são habilitados a lidar com a situação.

Dentro do contexto que envolve a psicologia Escolar, estudos mostram que as crianças com dificuldades de aprendizagem constituem um desafio em matéria de diagnóstico e educação, em conjunto. No entanto, no dia a dia, encontramos professores que consideram alguns alunos preguiçosos e desinteressados, justamente porque não tem conhecimento de causa para proceder ao diagnóstico. Essa atitude, e de certa forma, rotula o aluno, e, conseqüentemente, esconde a prática docente do professor, pois passou a atribuir ao aluno determinados adjetivos, por mais uma vez, falta de conhecimento sobre o assunto em questão.

O desconhecimento por completo dos professores que atuam com alunos com dificuldade de aprendizagem – que podem estar apresentando algum problema de aprendizagem de ordem orgânica, psicológica, social ou outra - é uma constante no meio educacional. E, é imprescindível ao professor, antes de rotular os seus alunos, conhecer os problemas mais comuns no ensino-aprendizagem para que seu horizonte de reflexão e, conseqüentemente, as suas percepções e a visão do todo se ampliem, fazendo isso mediante um trabalho em conjunto com o Psicólogo Educacional.

O objetivo desse artigo consiste em mostrar os limites e possibilidades de atuação do psicólogo escolar, quando na atuação do campo das teorias da psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, tendo em vista a emoção e a cognição não caminharem separadamente, pois cabe ao psicólogo escolar atuar dentro da escola, estando apto a reconhecer as dificuldades de aprendizagem apresentados pelo aluno.

## **2. Dificuldades de aprendizagem**

A forma de ensinar abrange a observação da criança em sala de aula ou em outras atividades como educação física, educação artística e recreio. Devemos verificar como a criança brinca, ouvir o que ela tem a dizer, ouvir as conversas das crianças entre si, tentar perceber como ela vê o mundo, como organiza o seu modo de pensar, qual a sua lógica, permitir que ela manipule objetos diversos, que movimente e aprenda os diferentes conteúdos, utilizando o seu corpo inteiro.

Segundo Barros (1993), o dado mais concreto, real e permanente que a criança possui é o seu próprio corpo, no qual ficam registradas todas as experiências, sensações e sentimentos, pois que:

A criança deve ser analisada de maneira global, pois o ser humano é uma unidade indivisível, na qual todos os sistemas estão inter-relacionados e são interdependentes. A criança vive num corpo que se relaciona, que cria, que se expressa, que sofre repressões, que vibra, que se movimenta. (Barros, 1993, p. 396).

Sob esse aspecto, escreve Miranda (2000):

É através do corpo, que recebemos as informações sobre o que acontece fora e dentro de nós. Somos um organismo que, na sua estrutura biológica, tem funções altamente diferenciadas e evoluídas no nível da consciência. Portanto, nada existe em nosso organismo que não esteja relacionado com seu funcionamento, na sua totalidade. (Miranda, 2000, p. 18).

Talvez a maior dificuldade no relacionamento entre educadores e crianças com problemas de aprendizagem seja justamente a falta dessa visão global do ser humano, pois a tendência atual é analisar a criança parte por parte, como se ela fosse só um cérebro, um ouvido, um nariz ou um par de olhos. A aprendizagem é um processo que promove mudanças contínuas nas habilidades do aprendiz, não sendo apenas um processo de maturação biológica (Illeris, 2007 apud Pontes, 2021).

Mas, quais seriam as principais causas da dificuldade de aprendizagem? Silva (2002) afirma que a dificuldade de aprendizagem de alunos que fracassam não é consequência somente de problemas pessoais, mas de um conjunto de condições socioculturais e, sobretudo, escolares que dificultam ou até impossibilitam sua inserção nos processos de aprendizagem escolar. E, entre as principais causas das dificuldades de aprendizagem e de ajustamento escolar estão as causas orgânicas, emocionais, educacionais e socioeconômicas.

Considerando as causas orgânicas estas englobam as perturbações transitórias, falta de concentração, *déficit* alimentar entre outras, existe, também, o fator neurológico que interferem no campo da aprendizagem como o retardamento mental, lesão cerebral, ausências ou disritmias, disfunção cerebral mínima, genética ou congênita, distúrbios da inteligência, problemas de comportamento (Silva, 2002).

Entretanto, anteriormente, Paín (1992), enfatizou que:

A origem de toda aprendizagem está nos esquemas de ação desdobrados mediante o corpo. Para a leitura e integração da experiência é fundamental a integridade anatômica e de funcionamento dos órgãos diretamente comprometidos com a manipulação do entorno, bem como dos dispositivos que garantem sua coordenação no sistema nervoso central. (Paín, 1992, p. 29).

Dessa forma, entende-se que as causas emocionais se tornam componente importante no processo de aprendizagem uma vez que agem diretamente no querer aprender. A criança que pode estar passando por um problema emocional não tem condições de aprender, porque esse problema pode estar afetando de tal forma que possa até voltar a ter comportamentos primitivos (Paín, 1992).

Entendemos que os distúrbios provenientes de uma educação familiar mal orientada podem resultar em problemas de aprendizagem, pois há uma estreita relação entre lar e escola, inclusive, a influência do lar, assim como a do meio social mais amplo, é muito grande, principalmente na primeira infância e na adolescência; e, por conta disso, comungam do mesmo pensamento tanto

Paín (1992) quanto Silva (2002), quando salientam que essas são as fases mais críticas do desenvolvimento do ser humano, que sempre requerem um maior cuidado e atenção.

De posse do entendimento que nessas questões que envolve a dificuldade de aprendizagem onde a escola é, também, permeada por uma série de questões complexas, em face da composição da diversidade existente entre os seres humanos e das peculiaridades intrínsecas que cada um traz consigo ao mundo familiar, bem como as questões próprias de cada um, neste contexto são necessárias a atuação de diversos profissionais, e, prioritariamente, o Psicólogo Escolar.

No cenário brasileiro, segundo Souza (2009) a Psicologia Escolar, de forma tradicional, consiste em área que tem atuação do profissional de psicologia, no campo da pesquisa.

Outrossim, desde a década de 1980 que muitas são as discussões em torno da definição e necessidade de mudanças no entendimento acerca de questões escolares, a exemplo, da dificuldade de aprendizagem, propiciando que nas práticas pedagógicas fosse iniciado um processo inovador de não somente melhor a qualidade do ensino, mas sobretudo, de estudar a problemática da dificuldade de aprendizagem do aluno (Souza, 2009).

As questões são mais complexas tendo em vista a transformação educacional dos anos 90, pois segundo Félix Temporetti (2006):

Impulsados por la transformación educativa de los '90s la gran mayoría de los especialistas en cuestiones educativas instalaron en los docentes un nuevo discurso psico – pedagógico que, en su esencia nos llegó de la Madre que nos parió, España. En ese discurso, como Uds. saben bien, hay palabras y conceptos que ya se han transformados en verdaderos íconos de aquella década: 'aprendizaje significativo', 'ideas previas', 'mapas conceptuales', 'conflicto cognitivo', 'interdisciplina', 'ideario', 'proyecto institucional', por dar algunos nombres. Todos ellos mezclados como en un buena ensalada aderezada con una adecuada dosis de 'constructivismo' y los infaltables copetes: 'zona de desarrollo próximo' y 'andamiaje', tal vez para darle al asunto un toquecito sociocultural progresista, porque Vigotski y Bruner, como los conocidos tes de hierbas cordobesas, nos ayudan a hacer la digestión, 'estimulan y sientan bien'. No puedo evitar un toque irónico ante la cuestión, pero como decía Francois Rabelais al inicio de Gargantúa: '[...]visto el duelo que os mina y come: mejor es de risa que de llanto escribir [...]'. (Temporetti,2006, p.3-4).

O entendimento, portanto, é de que o argumento trazido da atuação do psicólogo no âmbito escolar deve possibilitar que toda esta conversa contribua para a melhoria das práticas educativas, particularmente, a tarefa de ensino e aprender.

Salientamos que o fortalecimento desse movimento crítico em torno da Psicologia Escolar, modificou, sobremaneira, uma série de paradigmas existentes no âmbito escolar, dos quais Souza (2009) enumerou os seguintes:

- a) Evitar culpar as crianças, adolescentes e famílias pelas dificuldades escolares; b) Procurar construir instrumentos novos de avaliação psicológica, para uma melhor compreensão das queixas escolares; c) busca de uma articulação com ações no âmbito da formação dos professores e profissionais que atuam na saúde. (Souza, 2009, p. 39).

Esses paradigmas devem ser banidos do contexto escolar quando se trata de dificuldade de aprendizagem, cabendo ao profissional e psicologia atuar e diagnosticar o porquê dessa dificuldade.

Sob esse aspecto, Azevedo e Gonzaga (2010) já nos sinalizam que a psicologia vem ampliando cada vez mais sua dimensão educativa, fazendo presente do cotidiano de crianças e adolescentes, atuando em projetos de inclusão social, ações comunitárias, bem como junto aos jovens em liberdade assistida e outros programas governamentais. Porém, entendemos, também, que somente a ampliação no campo de atuação não garante o fortalecimento de sua prática. Há que investir em pesquisa teórica, qualificada e crítica, que na visão de Costa (2007), cabe ao profissional psicólogo procurar os sentidos ocultos nos discursos explícitos dos educadores, de maneira a demarcarem a sua prática.

Salientamos a importância de ampliar o olhar na observância do educador, considerando a sensibilidade clínica do psicólogo que é considerada como necessária para dar sentido aos aspectos subjetivos dos sujeitos envolvidos no processo educacional, para que o educador não fique preso à problemática que se encontra aparentemente presente (Jussani, 2009).

Sob essa questão imperioso se faz lembrar que na maioria das situações referente que envolve as questões em torno da dificuldade de aprendizagem, a percepção que se tem é de que a criança passa a apresentar suas dificuldades inicialmente no âmbito escolar, e, dessa forma, a primeira pessoa que percebe essa dificuldade é o professor, que muito provavelmente identificará que a criança apresenta variações comportamentais ou somente dificuldades pertinentes ao desenvolvimento no seu aprendizado (Ronchi, 2010).

Sob essa questão, o posicionamento de Silva (2011) é de que a relação professor/aluno possibilita que o aluno seja capaz ou incapaz. E, na medida em que o professor para tratá-lo como incapaz, não será bem-sucedido, tende a não permitir o desenvolvimento como um todo e, principalmente, a sua aprendizagem. De forma contrária, na medida em que o professor se mostrar despreparado para lidar com a problemática apresentada, as chances de transferência de suas dificuldades para o aluno serão maiores.

Não se pode olvidar da existência de muitas e diversificadas causas relacionadas às dificuldades em aprender, principalmente por causa da, já mencionada, complexidade humana. No entanto, existe uma grande necessidade no não reconhecimento dessa tarefa, inclusive, classificando-a como fácil para os professores e psicólogos, quando da compreensão dessas diferenças. E, nesse cenário, tem sido comum, que a maioria das escolas constatem que a rotulação e/ou condenação desse grupo de alunos à repetência é uma constante, bem como àqueles que são enquadrados e adjetivados como alunos “problemas”, “sem solução” estes se tornem vítimas de uma desigualdade social pré-estabelecida (Andrada, 2005).

É sabido, também, que quando se discute o processo de ensino e aprendizagem este tem implicação direta em diversas áreas do conhecimento humano, muito embora se saiba que nenhuma área se sobrepõe sobre a outra. E, com relação à educação esta é um fenômeno muito complexo para que, somente a pedagogia, a psicologia ou a medicina, sozinhas deem conta da problemática existente em torno da dificuldade de aprendizagem. Dessa forma, necessário se faz o reconhecimento de que a dificuldade de aprendizagem possui origem, causas e desenvolvimento que são diversos, exigindo, portanto, olhares de muitas áreas do conhecimento, como já havia mostrado Fernandez (1990); Polity (2001) e Andrada (2005).

Complementando, Andrada (2005), é categórico em afirmar que é imperioso o início de um trabalho que contemple todas as dimensões implicadas na dificuldade de aprendizagem, fazendo com que a psicologia esteja presente.

Diferentemente, Azevedo e Gonzaga (2010) trazem a baila a consideração acerca da confusão sobre o papel do psicólogo no âmbito escolar, tendo em vista não ter de forma satisfatória o seu papel definido frente às dificuldades de aprendizagem. E, a delimitação das atribuições teóricas é um marco divisor para o professor formativo dos psicólogos que estão aquém das atribuições práticas do psicólogo escolar, em face das dificuldades de aprendizagem.

No entanto, estudo feito anteriormente por Andrada (2005) ficou provado que o Psicólogo Escolar é um profissional muito requisitado por educadores, equipe escolar e famílias; no entanto, é ainda pouco compreendido, porque a compreensão em torno de seu trabalho é tão-somente para “aquele que pode tratar os alunos problemas e devolvê-los à sala de aula bem ajustados”. E, de forma errônea essa visão caracteriza e fundamenta a intervenção clínica, das quais as escolas devem abolir essa prática, pois revela a necessidade do estabelecimento de matrizes teóricas que fundamentem a prática deste profissional tão requisitado e tão pouco compreendido.

Outrossim, segundo Aires e Freire (2012) a perspectiva visionada para a atuação do psicólogo no universo escolar se pauta na mediação de conhecimentos, valores, normas e atitudes positivas, com a premissa de auxiliar não somente os profissionais da educação, mas, principalmente, ajudar aos alunos a lidarem com suas emoções, na criação de espaços que possibilitem estender e melhor expressar o afeto e, conseqüentemente, contribua para um processo reflexivo que provoque melhoria das relações sociais no cotidiano da escola, mesmo porque não se pode esquecer que a psicologia, independente do ambiente onde ela esteja atuando, estuda as interações de organismo, vistos como um todo, com seu meio ambiente (Miller, 2006).

No cenário brasileiro a atuação do psicólogo escolar tem servido de auxílio nos processos que envolve a dificuldade de aprendizagem, e que este contemple a aplicação dos conhecimentos

psicológicos na escola, referentes ao processo ensino-aprendizagem, análises e possíveis intervenções psicopedagógicas, bem como o que diz respeito às relações entre os diversos atores e possibilidades do sistema de ensino e sua repercussão.

### 3. Conclusão

Este trabalho de pesquisa mostrou, brevemente, os limites e possibilidades de atuação do psicólogo escolar, quando na atuação do campo das teorias da psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, tendo em vista a emoção e a cognição não caminharem separadamente, pois cabe ao psicólogo escolar atuar dentro da escola, estando apto a reconhecer as dificuldades de aprendizagem apresentados pelo aluno, pois é sabido que o papel desempenhado pelo professor é de mediador e, conseqüentemente, de promover a intervenção do processo de ensino-aprendizagem, necessitando, portanto, que seu trabalho seja desenvolvido de forma consciente, com a finalidade de promoção da aprendizagens junto aos seus alunos.

Foi possível entender que de acordo com as mais diversas atribuições ao profissional do psicólogo escolar, estejam intrínsecos o diagnóstico e a intervenção nas dificuldades de aprendizagem. E, dessa forma, os autores discutidos foram categóricos em afirmar que o trabalho desenvolvido pelo psicólogo escolar não poderá ser confundido com o trabalho clínico, em face das propostas de cada uma da atuação são diferenciadas, e quando consideramos a dificuldade de aprendizado é possível afirmar que existe um limite para a visão clínica em relação ao olhar do psicólogo sobre essa questão.

Outrossim, compreendemos que existe sim a necessidade do profissional psicólogo na instituição educacional porque ela é, sobremaneira, significativa frente ao trabalho que pode vir a ser desenvolvido, para melhor as dificuldades apresentadas pelos alunos na aprendizagem; no entanto, o trabalho interdisciplinar com outros membros da instituição é de fundamental importância nesse caminho, e, prioritariamente, construindo vínculo que objetive o foco em uma atuação em conjunto com o educador, pois de maneira contrária, não seria possível uma intervenção apropriada e, conseqüentemente, efetiva.

Assim, corroborando com os estudos analisados, existe a necessidade de uma equipe multidisciplinar dentro do ambiente escolar, que busque o favorecimento do resgate do ensino aprendizagem, sendo esta forma não somente global, mas, sobretudo, integrada permitindo a intervenção do psicólogo, para que este dê o suporte necessário ante o processo educacional e nas dificuldades dos alunos na aprendizagem.

Concluimos que o psicólogo no contexto escolar possibilita o desenvolvimento do seu trabalho baseando-se em diagnóstico, aliado às intervenções pedagógicas, de alunos com dificuldade



de aprendizagem; o resultado iminente é que agrega valores pessoais, familiares, comunitários e da escola, e, conseqüentemente, estabelecem nos diversos segmentos de ensino vínculos e a influência destes em contribuir com os procedimentos educacionais, resultando, também, no atendimento das necessidades individuais e garantia da integridade do ser.

## Referências

ALENCAR, C.L.R.; LIMA, F.A.F.; BATISTA, I.F.; JEREMIAS, L.S. Psicólogo escolar e Psicopedagogo: limites e possibilidades de atuação. **Revista de Psicologia**, Fev., vol.1, n.19, p. 19-30. 2013.

ANDRADA, E. G. C. **Focos de intervenção em psicologia escolar**. 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572005000100019&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572005000100019&script=sci_arttext).

AZEVEDO, R.O.M. ; GONZAGA, A. M. . Formação de professores para ensinar ciências nos anos Iniciais do ensino fundamental. In: **XV Congresso Nacional de Didática e Prática de Ensino**, 2010, Belo Horizonte. Congresso Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2010.

BARROS, Cristiane G. Controle social e desvios. **Revista Brasileira de Filosofia**, v. XLI, n.172, out./nov./dez., p. 396-412. 1993.

COSTA, D.C. **A diversidade de atuação do psicopedagogo x psicólogo educacional no ambiente escolar**. Rio de Janeiro: 2007.

CUNHA, Nylse H. S. Brinquedoteca: um mergulho no brincar. São Paulo: Maltese, 1994.FERNANDEZ, A. **A Inteligência Aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas,1990.

FREIRE, Alane Novais; AIRES, Januária Silva. A Contribuição da Psicologia Escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, V. 16, N. 1, June 2012.

JUSSANI, N. C. O. S. **A Importância da Afetividade no Processo de Cognição - Afetividade e Cognição: Caminhos que se cruzam**, 2009. Disponível em [www.Abpp.Com.Br/Monografias/12.Htm](http://www.Abpp.Com.Br/Monografias/12.Htm) .

MILLER, George A. La revolución cognitiva: una perspectiva histórica. **Rev. Psicología – Segunda Época**. Volumen xxv, Número 2, 2006.

MIRANDA, M. I. **Crianças com problemas de aprendizagem na alfabetização: contribuições da teoria piagetiana**. Araraquara: JM Editora, 2000.

PAÍN, Sara. **Diagnósticos e tratamentos dos problemas de aprendizagem**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Medicas, 1992.

POLITY, E. **Dificuldade de Aprendizagem e Família: Construindo Novas Narrativas**. São Paulo: Vetor, 2001.

PONTES, Edel Alexandre Silva. A Práxis do Professor de Matemática por Intermédio dos Processos Básicos e das Dimensões da Aprendizagem de Knud Illeris. **Rebena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 2, p. 78-88, 2021.

PONTES, Idalina Amélia Mota. Atuação Psicopedagógica No Contexto Escolar: Manipulação, Não; Contribuição, Sim. **Rev. Psicopedag.**, São Paulo, V. 27, N. 84, 2010.

RONCHI, Mariana. **O trabalho do professor dos anos iniciais diante das características do aluno com Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade–TDAH.** Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Pedagogia. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, 2010.

SILVA, J. **Como lidar com crianças com "dificuldades de aprendizagem"?** 2011. Disponível em: <http://espacoeducadoremacao.blogspot.com.br/2011/01/como-lidar-com-criancas-com-dificuldades.html>.

SILVA, Maria Cristina da. Saberes e dizeres diferentes de crianças que "fracassam" na escola. In: SENA, Maria G. C.; GOMES, Maria F. C. **Dificuldades de aprendizagem:** na educação. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2002.

SOUZA, M. P. R. Psicologia Escolar e Educacional em Busca de Novas Perspectivas. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPPEE)**, Rio de Janeiro, 13(1), 179-182. 2009.

TEMPORETTI, Félix. **Teoría psicológica y prácticas educativas:** hacia una psicología más interpretativa en el proceso de enseñar y aprender.